

## • Nacional

### ATIVIDADES ECONÔMICAS

# “Negócios estão paralisados há uma semana”

por Luís Leonel  
São Paulo

As denúncias de corrupção contra Paulo César Farias, o PC Farias, que contaria com um esquema de tráfico de influências dentro de várias áreas do governo do presidente Fernando Collor de Mello, estão provocando uma “paralisação dos negócios no País”, disse ontem o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), Mario Amato. Segundo ele, “há uma semana que os negócios estão parados”.

Amato pretende procurar o presidente Collor nos próximos dias para transmitir-lhe a seguinte mensagem: “Vou dizer que continue com suas reformas, que ele deve prosseguir, a equipe econômica é ótima, é gente que tem dignidade, que tem responsabilidade”. Dessa forma, questões como a reforma



Mário Amato

fiscal, a lei das patentes e a desburocratização dos serviços portuários, entre outras, deveriam continuar a ser encaminhadas pela equipe econômica e discutidas e votadas pelo Congresso Nacional. “O País não pode parar por causa da Comissão Parlamentar de

Inquérito (CPI)”, disse Amato.

Uma das idéias mais difundidas entre os empresários que participaram da reunião de ontem da diretoria executiva da FIESP era como isolar a crise política da econômica. Todos falavam nisso e buscavam alguma fórmula que permitisse operacionalizar essa idéia. “O Marcílio Marques Moreira poderia ser um diretor-geral da economia”, sugeriu o vice-presidente da Sadia, Luiz Fernando Furlan. “Estamos muito preocupados com o que está acontecendo, precisamos achar um jeito de separar as duas coisas, a crise política da condução da economia.”

Ainda de acordo com Furlan, “tem muita gente que está pensando, procurando uma maneira de conduzir as duas coisas separadamente”. Outro que confirmou essa idéia foi o

presidente da Associação Brasileira da Indústria Eletro-Eletrônica (Abinee), Nelson de Freitas. “Temos que separar a crise política da condução da economia, senão nosso doente (a economia) pode morrer”, disse. Para Freitas, “a CPI deve apurar as denúncias, mas, enquanto isso ocorre, a sociedade vive uma ansiedade muito grande e isso acaba prejudicando as atividades econômicas”. É necessário, disse, que o Congresso continue discutindo e votando as reformas estruturais.

“Queremos que o Executivo execute e que o Legislativo legisle”, afirmou o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Transformação de Plástico (Abiplast), Celso Hanne. “Meia dúzia de delinqüentes conseguiram paralisar o País”, disse Hanne, sem no entanto explicar a quem se referia.

Para Jamil Nicolau Aun, vice-presidente da FIESP, “O Congresso não pode ficar de expectador da CPI e parar o País”. Segundo ele, as indústrias estão paradas, por insegurança, e o Congresso está parado para observar a CPI. As reformas fiscal e da legislação portuária, no seu entender, são fundamentais para devolver a confiança ao empresariado.

Pedro Eberhardt, ex-presidente do Sindicato da Indústria de Autopeças (SindiPeças), acha que “a equipe econômica é forte e saberá dirigir a economia sem ser afetada pela crise política”. O candidato de oposição à presidência da FIESP/CIESP, Emerson Kapaz, conversou na sexta-feira passada com o ministro Marcílio e fez a ele três sugestões para evitar o pânico entre o empresariado: • reafirmar que não haverá choque; • definir

junto com os empresários uma agenda para encaminhar ao Congresso as discussões das reformas estruturais; • uma reunião com os empresários, após a volta do ministro dos EUA (para onde partiu no último fim de semana), para evitar que a crise política continue contaminando a economia. Segundo Kapaz, Marcílio teria aceitado as sugestões.

As vendas do setor de brinquedos vinham apresentando uma recuperação mês a mês, durante os cinco primeiros meses do ano. A crise política, no entanto, interrompeu esse processo. “Nos últimos quinze dias cessou a melhoria”, explica Kapaz, dono da Elka Plásticos Ltda., uma fabricante de brinquedos e utensílios domésticos de plástico. As vendas dos produtos eletroeletrônicos também estão sem fôlego, disse o presidente da Abinee.